Da necessidade do professor conhecer as características do aluno adulto

Dulcie Kanitz Vicente Vianna[1]

Da mesma forma que se analisam cuidadosamente as necessidades, interesses, aptidões e habilidade das crianças e dos adolescentes antes de com eles empreender qualquer tarefa educativa, é também imprescindível que se faça um estudo da psicologia dos adultos antes de começar a pôr em prática qualquer plano de ensino de que devam eles participar. Os resultados dessa análise determinarão o sistema de métodos que deve ser empregado já que é desaconselhável empregar com adultos os mesmos métodos desenvolvidos com base nas necessidades das crianças.

Contribuirá também para determinar esses métodos o tipo de educação que se intente pôr em prática. Na educação de adultos existem modalidades: a educação formal ou escolar e a educação fundamental chamada também educação em comunidade. A educação escolar é aquela que se leva a cabo em uma sala de aula, sujeita a certas normas e ajustada a um programa de antemão prescrito. Desta espécie de educação participa somente uma minoria da população adulta. Durante os últimos anos vimos dando atenção especial à primeira modalidade: a educação formal ou escolar. O movimento é mundial mas recebe ênfase especial nos países de mais alto índice de alfabetismo, como o nosso. Entretanto, mediante a educação fundamental, pretende-se conseguir que o adulto se incorpore plenamente à comunidade em que vive e consiga desempenhar cabalmente suas funções como indivíduo e como cidadão, isto porque "a educação fundamental tem por objeto ajudar as pessoas que não puderam receber ensino em instituições educativas a compreender os problemas do meio em que vivem, assim como seus direitos e seus deveres de cidadãos e de indivíduos e a adquirir um conjunto de conhecimentos e de aptidões que lhes permita melhorar progressivamente suas condições de vida e participar mais eficazmente no desenvolvimento econômico e social da coletividade de que formam parte; a educação fundamental que deve tomar em consideração e respeitar as crenças religiosas, aspira a desenvolver os valores morais e o sentido da solidariedade humana" (UNESCO - IX Conferência Geral, realizada em Nova Delhi em novembro e dezembro de 1956 - Cfr Crônica de UNESCO - janeiro e fevereiro de 1957 Vol III,1-2).

Durante muitos anos acreditou-se no velho adágio: "papagaio velho não aprende a falar", o que equivaleria a dizer-se que um adulto ou uma pessoa entrada em anos não pode aprender, que lhe é impossível mudar de hábitos e de atitudes e que, à medida em que vai avançando em idade, vai perdendo em capacidade mental. Esta crença falsa foi, de há muito, posta à margem pela experimentação psicológica e pela experiência recente de diversas campanhas de alfabetização e de educação de adultos empreendidas no mundo inteiro. Embora o adulto vá perdendo pouco a pouco suas forças físicas e suas capacidades sensoriais, isto não afeta sua capacidade mental nem sua capacidade de aprendizagem.

Estudos recentes sobre as bases psicológicas que regem a aprendizagem dos adultos têm deixado bem claro os seus aspectos principais. De acordo com esses estudos as pessoas alcançam seu grau máximo de acuidade visual aos 19 ou 20 anos de idade e sua

[1] Chefe do S.O.P.do S.E.A. do M.E.C.

acuidade auditiva entre os 10 e 15 anos. A partir destas idades as capacidades sensoriais vão diminuindo gradativamente à medida que a pessoa envelhece. O mesmo ocorre com o tempo de reação: embora atinja seu grau máximo de rapidez por volta dos 25 anos, a partir dessa idade vai descendo gradualmente. Muitas pessoas relacionam esta regressão sensorial e motora com a capacidade mental e a capacidade para aprender e logo afirmam que estas últimas, isto é, a capacidade mental e a capacidade para aprender também regridem. O que há de certo é que há probabilidade de que uma pessoa de 30 anos de idade não possa fazer certa quantidade de trabalho com a mesma rapidez com que a faria entre os 20 e 30 anos, entretanto, será capaz de resolver problemas de dificuldade equivalentes. Estes dados, resultantes de largos anos de experiência, levam a mesma conclusão a que, há anos passados, chegou Edward Thorndike, autor do livro "Adult Learning", a de que "geralmente os professores que ensinam adultos entre 25 e 45 anos devem esperar que estes aprendam quase com a mesma rapidez e mais ou menos da mesma forma como teriam aprendido as mesmas coisas aos 15 ou 20 anos de idade". A capacidade para aprender não está, pois, seriamente condicionada pela idade do indivíduo.

A educação, entretanto, não depende apenas da capacidade para aprender, mas resulta diretamente das capacidades para ver, ouvir e reagir, sabendo-se que estas três capacidades apresentam o máximo de eficiência cerca dos 25 anos e uma diminuição nos anos subsequentes. É preciso, pois, na escola, planejar o programa de ensino para um grupo de adultos levando em consideração estes outros fatores que afetam ou condicionam a aprendizagem, uma vez que, nos adultos, estes três elementos - acuidade visual, acuidade auditiva e a rapidez de reação - estão inter-relacionados.

Do ponto de vista da pedagogia do adulto, é necessário que o professor adapte os materiais de ensino de modo que se reduza ao mínimo a dificuldade causada pela idade. Isto significa: dispor a luz de modo que se reduza a fadiga visual; colocar o quadro-negro de tal forma que todos possam ver; colocar os alunos de maneira que todos possam ver e ouvir quem fala e adaptar o tempo necessário para a apresentação do material ao tempo de reação dos adultos.

Além das limitações apontadas, causadas pela idade, o professor deve levar em consideração as diferenças individuais que existem entre os adultos de um mesmo grupo. Em um grupo de pessoas cujas idades flutuam entre os 25 e 30 anos, existe a possibilidade de que haja alguém de nível mental excepcional para mais, isto é, acima da média e a seu lado outro de nível mental excepcional para menos, isto é, abaixo da média, isto porque cada ser humano pode variar de seu semelhante em uma infinidade de características: sexo, idade, interesses, costumes, preparação, nível mental, experiências, habilidades e problemas de caráter emocional. É imprescindível que o professor se dê conta destas e de outras diferenças e as tome em consideração ao preparar as aulas para adultos.

Contudo, apesar de recebermos na escola estas diferenças individuais tão variadas, encontramos nas pessoas uma série de características comuns. Estas qualidades, como é de se esperar, variam em quantidade e intensidade em cada indivíduo, mas poderiam constituir uma boa base psicológica para a elaboração de qualquer programa de educação de adultos.

Entre os adultos de cultura rudimentar existe a tendência a ocultar esta deficiência. Por haver ultrapassado a idade que a sociedade destinou para o estudo elementar, consideram vergonhoso frequentar uma escola. Este é o problema com o qual tropeçam constantemente os organizadores e líderes de campanhas de educação de adultos,

especialmente em comunidades urbanas. Os adultos que resolvem frequentar a escola demonstram ter um interesse verdadeiro pela aprendizagem. Merecem ser elogiados pelo simples fato de haverem admitido, publicamente, suas limitações educativas.

O professor responsável pela orientação desses indivíduos deve procurar envidar todos os esforços para que este interesse se mantenha vivo durante todo o tempo em que os alunos estiverem aprendendo.

O adulto está, pois, no gozo consciente de sua condição de adulto. Para ele é sumamente difícil livrar-se da timidez que lhe causa o fato de saber-se incauto. Como consequência se torna muito susceptível emocionalmente. Este fato deve ser conhecido e compreendido pelo professor para que possa então medir cuidadosamente as expressões que vai usar perante seus discípulos.

A susceptibilidade do aluno adulto explica-se pelo temor que o assalta de cair no ridículo. O adulto de cultura deficiente geralmente não se sente seguro de suas próprias possibilidades, é presa fácil deste temor. Para combater o problema que daí resulta é preciso fazê-lo compreender que ele, como qualquer pessoa jovem, pode aprender. O professor não só deve evitar o aparecimento de situações embaraçosas para os educandos mas também deve impedir a todo custo, que os estudantes brilhantes possam deixar os demais alunos em situação de inferioridade.

Embora na educação de adultos não se empregue o castigo, certas atitudes do professor valem tanto ou mais do que um castigo.

Se um especialista em educação de adultos que "todas as formas de educação de adultos devem ser, em algum sentido, recreativas: devem devolver a confiança em si mesmo, aliviar e arejar a mente e concorrer para a saúde tanto física como mental". Se faltar este elemento recreativo os alunos serão vítimas do cansaço e, com o tempo, se sentirão aborrecidos da escola.

O elemento recreativo servirá para evitar que tal ocorra. Se levarmos os adultos, gradualmente, de uma a outra atividade, evitaremos que dispendam grandes esforços mentais causados pela concentração em um mesmo assunto e, ao mesmo tempo, conseguiremos despertar neles novos interesses.

Em todas as atividades que o grupo realize, o adulto quer e deve ter participação ativa; esta é a melhor forma de torná-los seguros de si mesmo. Se o aluno vir que suas opiniões são consideradas e a catadas, quando das discussões, acabará por sentir prazer em emiti-las, o que é de grande alcance para a educação. Contudo, é preciso o maior cuidado com esta participação, isto porque, em um grupo de adultos, como em qualquer outro grupo, há a possibilidade de que existam tipos excessivamente expressivos, absorventes, desejosos de monopolizar as discussões. Em contraposição possivelmente existirá o adulto tímido, incapaz de responder as perguntas, mesmo aquelas de que está absolutamente seguro. Ao professor compete, então, distribuir, equitativamente, as oportunidades de expressão entre os componentes do grupo. O simples fato de olhar, com insistência, para os membros que ainda não participaram da discussão, pode estimulá-los a falar, da mesma maneira que não será difícil evitar o olhar daqueles que desejam falar com demasiada frequência.

Regra geral, os adultos são indivíduos que respondem pelas suas ações. Dirigiram-se à escola premidos por suas próprias necessidades e, voluntariamente, escolheram empregar as horas que poderiam dedicar ao descanso e a recreação para melhorar suas condições ou

para buscar solução para seus problemas. Por esta razão é de se esperar que cumpram, tanto quanto possível, as exigências de horário impostas pela escola: Se acaso tal não se dá é provável que seja por causas justificadas, levados, naturalmente, por necessidades imediatas do trabalho ou do lar.

Não obstante, seria arriscado deixar o problema da frequência inteiramente à vontade dos adultos. É necessário fazer todo o possível para evitar a irregularidade na frequência. Há várias formas de estimulá-la.

A sala de aula é fator de grande importância na frequência dos adultos. Geralmente os alunos adultos se reúnem no mesmo edifício e nas mesmas salas frequentadas, em turnos diferentes, por crianças. Isto faz com que o adulto se sinta em condições de inferioridade, dando-lhe consciência de suas dificuldades. Se, ao contrário, as aulas fossem dadas em lugar mais de acordo com as condições dos adultos ou em salas especialmente a eles destinadas, os adultos se sentiriam mais inclinados a assisti-las e contornariam as dificuldades com um maior espírito de sacrifício. No Brasil, bem sabemos, existem razões de ordem econômica que obrigam a que se continue usando para os adultos as mesmas salas de aula frequentadas pelas crianças. Nesse caso, é aconselhável que se trate de dissimular, o mais possível, essa dificuldade, arrumando a sala de maneira mais adequada à permanência de pessoas maiores e tratando de atrair toda a atenção do adulto para o conteúdo do ensino, de modo a obscurecer, ao máximo, esta deficiência.

Influem, também, sobre a frequência do adulto, as condições físicas do local em que se reúnem. Esse local deve estar provido de assentos cômodos, móveis arrumados de maneira que todos se possam ver e possam ver o professor. A ventilação e a luz também devem ser apropriadas. O local deve ser atrativo, embora desprovido de objetos e condições capazes de distrair a atenção dos estudantes para outros assuntos alheios ao material de estudo.

O terceiro fator que pode influir, positivamente, na frequência dos adultos às aulas, é uma iniciação ao trabalho eficiente. Desde os primeiros contatos os alunos devem sentir que sua aprendizagem está sendo assentada em bases sólidas, do contrário serão presas do desânimo. E, uma vez o aluno desanimado, começa a sentir-se insatisfeito do trabalho que realiza e, finalmente, opta por abandoná-lo. Tão pouco assistirão regularmente as aulas os adultos que forem sentindo que não estão progredindo, e aqueles que considerem inútil a aprendizagem que estão fazendo. Tenhamos como certo que, quando um aluno se matricula na escola, é porque sente verdadeira necessidade de conhecer o que a escola lhe oferece.

Em última instância, o professor pode contribuir para melhorar a frequência fazendo, pessoalmente, visitas aos alunos adultos. Ao visitá-los em seus próprios lares e ao discutir com eles suas dificuldades, notará o adulto que o professor se interessa verdadeiramente por ele, será sincero e cordial e procurará se ajudar a resolver ele mesmo seu problema.

Não raras vezes, também, cometemos erros com relação à disciplina da sala de aula. Apesar de, em muitas ocasiões, os adultos estarem dispostos a acatar o sistema rígido que se usava nas escolas antigas, é dever do professor implantar o sistema disciplinar mais consentâneo com a psicologia do grupo. Não se recomenda formalidade absoluta, nem tão pouco é aconselhável ir ao extremo oposto - condescendência absoluta. Como sempre, o meio termo entre ambas será a medida mais aconselhável.

O professor de adultos necessita, como vemos, estar amplamente familiarizado com as características dos educandos para poder então escolher o método que deverá seguir com determinado grupo de alunos adultos. Existe uma série de princípios psicológicos com os quais todos os professores devem estar familiarizados, princípios estes que se relacionam, diretamente, com a educação de adultos e cuja aplicação é essencial para o êxito do trabalho.

Estes princípios constituem alguns dos múltiplos recursos dos quais nós podemos utilizar, nós professores, para a educação de adultos. O método a ser adotado será então escolhido, ou melhor, determinado pelas condições do grupo de adultos a ser educado: suas necessidades, seus interesses, seu grau de preparação, suas habilidades.

Afirmamos então, com toda a segurança que, se assim procedermos, o cumprimento das obrigações por parte do aluno adulto se converterá em um prazer tão grande que não sentirão o peso do sacrifício que realizam.

Conclusões

1) Se a experimentação psicológica vem demonstrando que as funções mentais são, relativamente, independentes da idade e que seu declínio está na dependência das diferenças individuais;

é a falta de incentivo, os métodos inadequados, a intervenção de velhos hábitos e modos

2) De pensar, etc., que se refletem, a miúdo, na qualidade da aprendizagem do adulto

3) Se o professor estiver familiarizado com as características dos adultos, a escola se converterá então em um lugar, onde o aluno:

4) Receba, realmente, algo de valia em troca do sacrifício que faz em frequentá-la; encontre solução ou compreensão para seus problemas;

5) Se distraia, à medida que aprende e saiba, que tem ali, determinadas obrigações que valem a pena ser cumpridas.